

# “Hospitour”: passeio pela Santa Casa do Pará

Usuários e servidores conhecem instituição nos seus 376 anos

Divulgação

O Museu da Santa Casa de Misericórdia do Pará, em Belém, ficou lotado de servidores e usuários atentos aos muitos detalhes sobre a história da instituição contados nesta segunda (23) em quatro aulas dadas pelos pesquisadores do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (Lamemo/UFGA), vinculado ao Grupo de Pesquisa Arquitetura, Memória e Etnografia da UFGA, como parte da comemoração pelos 376 anos da instituição.

A primeira aula do dia foi ministrada pela doutora Cybelle Salvador Miranda que, além de encantar o público presente com as curiosidades sobre os fatos históricos ao longo dos mais de 3 séculos e a riqueza arquitetônica do prédio da instituição, inaugurado em 1900, destacou a importância da Santa Casa como patrimônio cultural no presente.

## Patrimônio

“A Santa Casa é um patrimônio material e imaterial, porque, de uma forma geral, toda a população reconhece o valor da Santa Casa enquanto um espaço assistencial, mas muitas vezes não tem muita noção dessa questão histórica e arquitetônica, e, como essas características, revelam muito sobre a história de Belém, a história do Pará, os valores que são atribuídos, as personalidades que vivenciaram e que construíram a Santa Casa”, declarou a professora.



Servidores e usuários conheceram detalhes do antigo prédio

O pesquisador Arthur Moreira, também membro da equipe do Lamemo, ministrou as demais aulas do dia, que foram sucedidas por um “hospitour” no qual parte da história pode se materializar em paredes, janelas, vitrais e outros elementos do prédio centenário.

A enfermeira Francielma Chagas já caminhou muitas vezes pelos corredores da Santa Casa ao longo de seis anos de trabalho na instituição, mas nesta segunda-feira, depois de acompanhar a aula e participar do passeio orientado pela equipe do Museu, começou a olhar corredores e alas, e até sua própria trajetória na insti-

tuição, de outra forma.

“Hoje, depois desse momento de aprendizado, com certeza vou ter um outro olhar para a Santa Casa. Poder admirar melhor e reconhecer que cada parte dessa instituição tem um legado de conquistas, avanços e personagens que contribuíram para que hoje ela esteja ainda mais bela e atendendo os nossos pacientes com excelência”, afirmou.

## Restauração

Os investimentos do governo para a restauração e readaptação do prédio centenário da instituição nos últimos anos foram um dos elementos considerados pelos

pesquisadores como primordiais para que a estrutura centenária pudesse resguardar a história e ao mesmo tempo se manter como espaço útil para assistência e ensino em saúde.

“Eu parablenizo a atual administração que vem gerindo de uma maneira muito positiva, revitalizando os pavilhões, dando novos usos. Antigamente eram vistos como pavilhões obsoletos e hoje se vê que todos podem ter um uso importante aqui dentro do hospital. O espaço do museu é um espaço muito rico, espero que ele possa estar aberto para toda a comunidade também”, enfatizou Cybelle Miranda.

## Chiclete com Banana fecha Carnaval do Amapá

A praça Beira-Rio, em Macapá, foi tomada por uma multidão na noite de domingo (22) para a despedida oficial do Carnaval 2026.

A banda Chiclete com Banana comandou o último grande show da temporada em frente à Casa do Artesão, encerrando o circuito de desfiles dos blocos que animou a capital nos últimos dias de folia.

## Saideira

A apresentação gratuita integrou a agenda organizada pelo Governo do Amapá e foi anunciada como a “saideira” do Carnaval. O evento contou com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e da Fundação Marabaxo, além de emendas parlamentares articuladas pelos senadores Davi Alcolumbre (União Brasil) e Randolfe Rodrigues (PT).

Antes do espetáculo, o público acompanhou o encerramento do circuito dos blocos, que percorreu a praça Beira-Rio, levando cores, fantasias e muita animação a milhares de foliões. Coube ao axé vibrante do Chiclete com Banana selar a despedida em clima de celebração.

No palco, sucessos que atravessam gerações transformaram a Beira-Rio em um grande coro coletivo. Do início ao fim, a banda manteve a energia em alta, fazendo a multidão cantar e dançar como se ainda fosse a primeira noite de Carnaval.

## Camarote Solidário

A programação também teve um viés solidário. No Camarote Solidário, o acesso foi garantido mediante a doação de duas latas de leite, destinadas a abrigos de idosos.

A iniciativa reforçou o caráter social da festa, aliando entretenimento ao apoio a instituições locais.

Entre os foliões, histórias traduziram o alcance da festa. A agricultora Ivaldina da Silva, de 81 anos, saiu do município de Santana, acompanhada do filho e da nora, especialmente para assistir ao show.

“Eu estou muito feliz. Gosto muito do Chiclete com Banana, por isso vim de Santana para me divertir aqui e, sem dúvida nenhuma, está sendo muito especial. O Carnaval é para todas as idades”, contou, com um sorriso no rosto.

# Escola de Parintins conquista Olimpíada sobre história afro-brasileira

Cristiana Butel/Arquivo pessoal

A Escola Estadual (EE) Senador João Bosco, localizada no município de Parintins (distante 369 quilômetros de Manaus), conquistou o 1º lugar na etapa nacional da 2ª edição da Olimpíada Brasileira de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena (Obereri).

A competição reúne estudantes de todo o país em torno de reflexões sobre relações étnico-raciais, valorização das culturas tradicionais e produção de conhecimento científico na educação básica.

A edição mais recente da olimpíada contou com a participação de 1.773 escolas, 1.512 professores, 1.560 equipes e 13.688 estudantes de todo o Brasil. Do Amazonas, 17 escolas estiveram presentes na competição.



Alunos abordaram o tema do racismo ambiental

## Racismo ambiental

Além do título nacional, o estudante Enzo Cruz, de 16 anos, integrante da equipe campeã, foi contemplado com bolsa de Iniciação Científica Júnior, voltada ao aprofundamento dos estudos

nas temáticas abordadas pela olimpíada.

A equipe vencedora, formada pelas alunas Rosa Monteverde, Clara Juliana, Manuela Rendeiro, Letícia de Araújo e pelo estudante Enzo Cruz, desenvolveu as

atividades com foco no racismo ambiental e em suas implicações para comunidades tradicionais.

“O racismo ambiental era um assunto que pouco tínhamos contato. Fomos entendendo melhor ao decorrer das atividades e percebendo que ele sempre esteve lá. Essa conquista representa voz. Representa jovens da Amazônia debatendo temas globais com seriedade e propriedade”, destacou o estudante.

Durante a competição, os alunos produziram artigos científicos, responderam a questionários interdisciplinares e criaram um podcast com propostas pedagógicas voltadas à realidade local. Entre os temas abordados, estiveram a crise climática e a valorização dos conhecimentos tradicionais.